



ENVIRONMENT AND SPORT  
*An international overview*

MEIO AMBIENTE E DESPORTO  
*Uma perspectiva internacional*

LAMARTINE P. DA COSTA

(Editor)



Faculdade de Ciências  
do Desporto e de Educação Física  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Faculty of Sport Sciences  
and Physical Education  
UNIVERSITY OF PORTO



**ENVIRONMENT AND SPORT**

*An international overview*



**MEIO AMBIENTE E DESPORTO**

*Uma perspectiva internacional*

LAMARTINE P. DA COSTA

(Editor)



---

Faculty of Sport Sciences and  
Physical Education  
University of Porto, Portugal

---

---

Faculdade Ciências do Desporto  
e Educação Física  
Universidade do Porto, Portugal

---

DA COSTA, Lamartine P. (editor)  
Environment and Sport. An international  
overview.

*Organization:* António Marques and Luisa  
Meirelles.

*Publisher:* Faculty of Sport Sciences and Physi-  
cal Education, University of Porto, Porto,  
Portugal.

---

*Designer:* António Marques  
*Front and Back Covers:* Artur Santos Leite

---

© 1997 by the Faculty of Sport Sciences and  
Physical Education, University of Porto, Porto,  
Portugal.

All rights reserved.

This book may not be reproduced, in whole  
or in part, in any form without written permis-  
sion from the editor.

ISBN 972-96699-8-8

DA COSTA, Lamartine P. (editor)  
Meio Ambiente e Desporto. Uma perspec-  
tiva internacional.

*Organização:* António Marques e Luisa  
Meirelles.

*Edição:* Faculdade de Ciências do Desporto e  
Educação Física, Universidade do Porto,  
Porto, Portugal.

---

*Design gráfico:* António Marques  
*Capa e contra-capas:* Artur Santos Leite

---

© 1997 Faculdade de Ciências do Desporto e  
Educação Física, Universidade do Porto,  
Porto, Portugal.

Reservados todos os direitos.

Este livro não pode ser reproduzido, na inte-  
gra ou parcialmente, sob qualquer forma  
sem autorização escrita do editor.

ISBN 972-96699-8-8



**Collaboration**

Municipality of Porto, Portugal  
International Olympic Committee  
Lillehammer - 1994  
Sydney - 2000  
German Sport Federation  
International Olympic Academy  
Center for Olympic Studies, Canada  
Municipality of Oeiras, Portugal  
University of Sport of Cologne, Germany  
University of Montpellier, France  
National Institute for Physical Education, Lerida, Spain  
State University of Rio de Janeiro, Brazil  
University Gama Filho, Rio de Janeiro, Brazil  
University of Amazonas, Manaus, Brazil  
United Nations

**Colaboração**

Câmara Municipal do Porto, Portugal  
Comité International Olímpico  
Lillehammer - 1994  
Sydney - 2000  
Federação do Desporto Alemã  
Academia Olímpica Internacional  
Centro de Estudos Olímpicos, Canadá  
Câmara Municipal de Oeiras, Portugal  
Universidade de Desporto de Colónia, Alemanha  
Universidade de Montpellier, França  
INEFC, Lerida, Espanha  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil  
Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, Brasil  
Universidade do Amazonas, Brasil  
Organização das Nações Unidas



## Table of Contents

## Sumário

Avant-propos	11	Avant-propos
Preface <i>Alberto AMARAL</i>	12	Prefácio <i>Alberto AMARAL</i>
Introduction <i>Lamartine P. Da COSTA</i> (Text in English) (Text in Portuguese)	15 23	Introdução <i>Lamartine P. Da COSTA</i> (Texto em Inglês) (Texto em Português)
Chronology of the book... (Text in English) (Text in Portuguese)	31 35	Cronologia do livro... (Texto em Inglês) (Texto em Português)
<b>Chapter One: The Recovery of Meaning</b>	39	<b>Capítulo Um: A Recuperação do Significado</b>
<b><i>The New Scene</i></b> Toward a Theory of Environment and Sport. <i>Lamartine P. Da COSTA</i> (Summary in Portuguese) (Text in English)	39 40 41	<b><i>O Novo Cenário</i></b> Elaborando uma Teoria do Meio Ambiente e do Desporto. <i>Lamartine P. Da COSTA</i> (Resumo em Português) (Texto em Inglês)
<b><i>Prospect</i></b> Sport and Nature. Global Trends and New Meanings. <i>Lamartine P. Da COSTA</i> (Summary in English) (Text in Portuguese)	57 59 61	<b><i>Perspectivas Futuras</i></b> Desporto e Natureza: Tendências Globais e Novos Significados. <i>Lamartine P. Da COSTA</i> (Resumo em Inglês) (Texto em Português)
<b><i>The Pluralism</i></b> The Various Forms of Environmentalist Thinking within the Field of Sport	77	<b><i>O Pluralismo</i></b> As Várias Formas do Pensamento Ambientalista no Campo das

Activities. From the Utopic to the Realistic.		Atividades Desportivas: Da Utopia ao Realismo.	
<i>Charles PIGEASSOU</i>		<i>Charles PIGEASSOU</i>	
(Summary in Portuguese)	78	(Resumo em Português)	
(Text in English)	79	(Texto em Inglês)	
<b>Chapter Two: Emerging Paradigms</b>	93	<b>Capítulo Dois: Os Paradigmas Emergentes</b>	
<b><i>The City</i></b>	93	<b><i>A Cidade</i></b>	
Sport, City and Nature. An Introduction.		Desporto, Cidade e Natureza. Introdução ao Tema.	
<i>Jorge Olímpio BENTO</i>		<i>Jorge Olímpio BENTO</i>	
(Summary in English)	94	(Resumo em Inglês)	
(Text in Portuguese)	95	(Texto em Português)	
<b><i>The Body</i></b>	103	<b><i>O Corpo</i></b>	
The (Contemporary) Body in Ecological Crisis.		O Corpo (Contemporâneo) em Crise Ecológica.	
<i>Paulo Cunha e SILVA</i>		<i>Paulo Cunha e SILVA</i>	
(Summary in English)	104	(Resumo em Inglês)	
(Text in Portuguese)	105	(Texto em Português)	
<b><i>The Culture</i></b>	114	<b><i>A Cultura</i></b>	
Sport, City and Nature. Public Space and Ecological Culture.		Desporto, Cidade e Natureza: Espaço Público e Cultura Ecológica.	
<i>José Manuel CONSTANTINO</i>		<i>José Manuel CONSTANTINO</i>	
(Summary in English)	116	(Resumo em Inglês)	
(Text in Portuguese)	117	(Texto em Português)	
<b><i>The Knowledge</i></b>	125	<b><i>O Conhecimento</i></b>	
Changes on Sport and its Environment.		Mutations du Sport et de son Environnement: Evolution ou Revolution?	
<i>Charles PIGEASSOU</i>		<i>Charles PIGEASSOU</i>	
(Summary in Portuguese)	126	(Resumo em Português)	
(Text in French)	127	(Texto em Francês)	
<b>Chapter Three: Some Historical Backgrounds</b>	145	<b>Capítulo Três: Alguns Exemplos Históricos</b>	
<b><i>On Leisure</i></b>	145	<b><i>Sobre o Lazer</i></b>	
Leisure and Work. The Ideological Limits of a Subservient Relation.		Lazer e Trabalho. Os Limites Ideológicos de uma Relação de Subserviência.	

<i>Adroaldo GAYA</i>		<i>Adroaldo GAYA</i>	
(Summary in English)	146	(Resumo em Inglês)	
(Text in Portuguese)	147	(Texto em Português)	
<b><i>On Public Space</i></b>	155	<b><i>Sobre o Espaço Público</i></b>	
Leisure Public Spaces in Porto (17th and 18th Centuries).		Espaços Públicos de Convívio e de Lazer no Urbanismo Português (Séculos XVII-XVIII).	
<i>Francisco Ribeiro da SILVA</i>		<i>Francisco Ribeiro da SILVA</i>	
(Summary in English)	156	(Resumo em Inglês)	
(Text in Portuguese)	157	(Texto em Português)	
<b>Chapter Four: Critical Issues</b>	167	<b>Capítulo Quatro: Temas Críticos</b>	
<b><i>The Approach to Conflict</i></b>	167	<b><i>A Abordagem do Conflito</i></b>	
The Conflict between Sport and Conservation of the Environment.		O Conflito entre Desporto e Conservação do Ambiente.	
<i>Alfredo Faria JÚNIOR</i>		<i>Alfredo G. Faria JUNIOR</i>	
(Summary in Portuguese)	168	(Resumo em Português)	
(Text in English)	169	(Texto em Inglês)	
<b><i>The Need for Limits</i></b>	181	<b><i>A Necessidade de Limites</i></b>	
Perpetrator and Victim Sport's Relationship with the Environment.		Vilão e Vítima. Relações do Desporto com o Meio Ambiente.	
<i>Hans JÄGEMANN</i>		<i>Hans JÄGEMANN</i>	
(Summary in Portuguese)	182	(Resumo em Português)	
(Text in English)	183	(Texto em Inglês)	
<b>Chapter Five: Environmental Ethics</b>	195	<b>Capítulo Cinco: Ética Ambientalista</b>	
<b><i>The Ecological Approach</i></b>	195	<b><i>A Abordagem Ecológica</i></b>	
The Conflict between Sporting Activities and the Environment. Some Ethical Considerations.		O Conflito entre o Desporto e o Meio Ambiente. Algumas Considerações Éticas.	
<i>Eckhard MEINBERG</i>		<i>Eckhard MEINBERG</i>	
(Summary in Portuguese)	196	(Resumo em Português)	
(Text in English)	197	(Texto em Inglês)	
<b><i>The Construction Approach</i></b>	207	<b><i>A Abordagem Construtiva</i></b>	
Environmental Ethics and the International Olympic Committee. Shaping our Understanding of Sport.		A Ética Ambiental e o Comité Internacional Olímpico. Ampliando nossa Compreensão do Desporto.	
<i>Douglas A. BROWN</i>		<i>Douglas A. BROWN</i>	

(Summary in Portuguese)	208	(Resumo em Português)
(Text in English)	209	(Texto em Inglês)
<b>Chapter Six: Prospects for Conflict-Resolution</b>	235	<b>Capítulo Seis: Perspectivas de Solução do Conflito</b>
<b><i>Relationship with Nature</i></b>	235	<b><i>Relações com a Natureza</i></b>
Recreation and Sport in the Natural Environment.		Recreação e Desporto no Ambiente Natural.
<i>Tuija KILPELÄINEN</i>		<i>Tuija KILPELÄINEN</i>
(Summary in Portuguese)	236	(Resumo em Português)
(Text in English)	237	(Texto em Inglês)
<b><i>Mediation</i></b>	245	<b><i>Mediação</i></b>
The Olympic Movement and the Environment.		O Movimento Olímpico e o Meio Ambiente.
<i>Fekrou KIDANE</i>		<i>Fekrou KIDANE</i>
(Summary in Portuguese)	246	(Resumo em Português)
(Text in English)	247	(Texto em Inglês)
<b><i>Sustainable Development</i></b>	255	<b><i>Desenvolvimento Sustentável</i></b>
Lillehammer Olympics Challenged World to Environmental Relay Race.		A Olimpíada de Lillehammer desafiou o Mundo para a Corrida do Revezamento Ambiental.
<i>Sigmund HAUGSJAA</i>		<i>Sigmund HAUGSJAA</i>
(Summary in Portuguese)	257	(Resumo em Português)
(Text in English)	259	(Texto em Inglês)
<b><i>Environmental Awareness</i></b>	271	<b><i>Consciência Ambiental</i></b>
Sydney 2000: Physical Impacts and Environment.		Sydney 2000: Impactos Físicos e Meio Ambiente.
<i>Sallyanne ATKINSON</i>		<i>Sallyanne ATKINSON</i>
(Summary in Portuguese)	273	(Resumo em Português)
(Text in English)	275	(Texto em Inglês)
<b><i>International Cooperation</i></b>	283	<b><i>Cooperação Internacional</i></b>
The Self Destruction Process of Modern Sport Call for Action. The Club of Cologne.		Um apelo para a Ação. O Clube de Colônia.
<i>Volker H. RITTNER</i>		<i>Volker H. RITTNER</i>
(Summary in Portuguese)	285	(Resumo em Português)
(Text in English)	287	(Texto em Inglês)



## CHRONOLOGY OF THE BOOK "ENVIRONMENT AND SPORT"



**1972**

\* Critical article of Jürgen Dieckert on sports without environmental requirements (published in German).

**1979**

\* Jürgen Dieckert is transferred from University of Oldenburg (Germany) to the University of Santa Maria (Brazil) starting researches on sport, leisure, local culture and environment.

**1983**

\* The University of Santa Maria publishes a book on the themes developed by Jürgen Dieckert in previous years with text of Floriano D. Monteiro and introduction of Lamartine P. Da Costa (issued in Portuguese).

**1996**

\* In Germany, the Deutsch Sportbund (DSB) begins a movement to favor environment protection on sport practices by publishing the newsletter "Sport stützt Umwelt" under the direction of Hans Jägemann..

**1992**

\* First sport and environmental conflict with international repercussions: the Olympic Winter Games of Albertville.

\* United Nations Conference on Environment and Development in Rio de Janeiro with Lamartine P. Da Costa participating in Organizing Committee,

Fekrou Kidane representing the I.O.C. and Jürgen Palm, President of TAFISA, acting as a speaker jointly with Maurice Strong, General Secretary of the Conference.

\* First "World Walking Day", TAFISA's event during Rio's Earth Summit, with the participation of 250 thousand people (partnership with the ecological movement "International Earth Day").

\* Richard Pound, I.O.C. member, proposes formally the first steps towards environmental protection in the Olympic Movement and in the Olympic Games. The principle of "sustainable development" is also adopted by I.O.C. as occurred in Rio's Conference.

### 1993

\* Symposium "Citizenship, Sport and Nature", promoted by the Faculty of Sport Sciences and Physical Education, University of Porto, coordinated by Jorge Bento and António Marques, with Lamartine P. Da Costa as one of the key speakers.

\* Initial draft of the book "Environment and Sport", having as editor Lamartine P. Da Costa and António Marques as organizer. The central focal points of the book were: (a) historical background of sport in relation to environment, (b) concepts, doctrines and principles, (c) perspectives of sustainable development.

### 1994

\* Olympic Winter Games of Lillehammer as role model of I.O.C. for environment protection, nature's preservation and sustainable development in sports.

\* International Congress "Hosting the Olympic Games: the Physical Impacts, Environment, Urban Planning, Architecture, Technology", Olympia, Greece.

\* Olympic Centennial Congress, Paris.

\* Selection of Sidney in the 2000 Olympic Games Bidding.

\* Additional central focuses of the book "Environment and Sport": Experiences of Lillehammer and Sydney; increasing emphasis on ethical approaches as a result of debates occurred in this year's congresses.

### **1995**

\* "World Conference on Sport and Environment", Lausanne, promoted by the I.O.C.

\* Additional central focuses of the book "Environment and Sport": review of environmental awareness from government and business institutions, as well as of the state of the art in the theme of the book, favoring many-fold solutions to environment and sport conflicts.

### **1996**

\* "Forum on Sport, Environment and Development", Lillehammer, organized in order to provide concrete and practical initiatives following up the I.O.C.'s World Conference of 1995.

\* Rio de Janeiro as the meeting place of the International Committee to elaborate the I.S.O. 14000, the normative standard to environmental protection at any institutional specialization, level or nationality.

\* Additional central focuses of the book "Environment and Sport": conceptual basis for implementation of requirements, development, sustainability and eco-efficiency.

### **1997**

\* Printing stage of the book "Environment and Sport" after encompassing the principles of I.S.O. 14000, referred to progressive improvement of normatization by open-ended debates and the norm as a social contract as well.

\* Evaluation in Rio de Janeiro of the AGENDA 21, the global plan originated from the Earth Summit held in 1992 at the same city.

## CRONOLOGIA DO LIVRO "MEIO AMBIENTE E DESPORTO"



**1972**

\* Artigo de Jürgen Dieckert, publicado na Alemanha, apontando o desporto como nocivo à natureza, quando praticado sem meios de proteção ambiental.

**1979**

\* Jürgen Dieckert transfere-se da Universidade de Oldenburg (Alemanha) para a Universidade de Santa Maria (Brasil), iniciando pesquisas envolvendo desporto, lazer, cultura local e meio ambiente.

**1983**

\* A Universidade de Santa Maria publica livro com os temas desenvolvidos por Jürgen Dieckert nos anos anteriores, com texto de Floriano D. Monteiro e introdução de Lamartine P. Da Costa (editado em português).

**1986**

\* Na Alemanha, a Federação Alemã do Desporto (DSB) inicia um movimento a favor da proteção ambiental nas práticas desportivas, publicando um jornal de circulação dirigida "Sport stützt Umwelt" (O Desporto protege o Meio Ambiente), dirigido por Hans Jägemann.

**1992**

\* Primeiro conflito desporto/meio ambiente com repercussões internacionais: os Jogos Olímpicos de Inverno realizados em Albertville.

\* "Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento", no Rio de Janeiro, com Lamartine P. Da Costa participando na

organização, Fekrou Kidane representando o CIO e Jürgen Palm, presidente da TAFISA, atuando como palestrante juntamente com Maurice Strong, Secretário Geral da Conferência.

\* "Primeira Caminhada Mundial", evento da TAFISA, realizada durante a Conferência do Rio de Janeiro, com a participação de 250 mil pessoas (em parceria com o movimento ecológico "International Earth Day").

\* Richard Pound, membro do CIO, propõe formalmente as primeiras medidas no sentido da proteção ambiental com referência ao Movimento Olímpico e aos Jogos Olímpicos. O princípio do "desenvolvimento sustentável" foi também adotado pelo CIO, do mesmo modo que a Conferência do Rio de Janeiro.

### 1993

\* Simpósio "Cidadania, Desporto e Natureza" promovido pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade do Porto, e coordenado por Jorge Bento e António Marques, com Lamartine P. Da Costa como um dos palestrantes.

\* Primeira concepção do livro "Meio Ambiente e Desporto", tendo como editor Lamartine P. Da Costa e António Marques como organizador. Os enfoques principais do livro foram: (a) significados históricos do desporto em relação ao meio ambiente, (b) conceitos, doutrinas e princípios, (c) perspectivas do desenvolvimento sustentável.

### 1994

\* Jogos Olímpicos de Inverno de Lillehammer, como projeto demonstração do CIO quanto à proteção ambiental, à conservação da natureza e ao desenvolvimento sustentável no desporto.

\* "Congresso Internacional sobre Impactos Ambientais, Meio Ambiente, Planejamento Urbano, Arquitetura e Tecnologia nos Jogos Olímpicos", Olímpia, Grécia.

\* "Congresso do Centenário Olímpico", Paris.

\* Seleção de Sidney para sediar os Jogos Olímpicos do ano 2000.

\* Enfoques centrais adicionais do livro "Meio Ambiente e Desporto": experiências de Lillehammer e Sidney e ênfase crescente nas abordagens éticas, como resultado dos debates ocorridos nos congressos deste ano.

### **1995**

\* "Conferência Mundial sobre Desporto e Meio Ambiente", Lausanne, promovida pelo CIO.

\* Focos centrais adicionais do livro "Meio Ambiente e Desporto": revisão da consciência ambiental por parte dos governos e empresas privadas, como também do estado do conhecimento na temática do livro, indicando múltiplas soluções para os conflitos do desporto com o meio ambiente.

### **1996**

\* "Fórum sobre Desporto, Meio Ambiente e Desenvolvimento", Lillehammer, organizado a fim de incentivar iniciativas práticas, como desdobramento da Conferência Mundial do CIO de 1995.

\* Encontro do Comitê Internacional para elaboração da ISO 14 000, norma de proteção ambiental para uso de instituições de qualquer especialização, nível ou nacionalidade, tendo o Rio de Janeiro como local de realização.

\* Enfoques centrais complementares do livro "Meio Ambiente e Desporto": bases conceituais para tornar efetivos critérios, desenvolvimento, sustentabilidade e eco-eficiência.

### **1997**

\* Fase de impressão do livro "Meio Ambiente e Desporto", após a assimilação de princípios da ISO 14000, referidos ao aperfeiçoamento progressivo da normatização, por meio de debates permanentes, e à norma como um contrato social a ser desenvolvido.

\* Avaliação, no Rio de Janeiro, da AGENDA 21, o plano global gerado a partir da Conferência das Nações Unidas, realizada em 1992 na mesma cidade.

## ELABORANDO UMA TEORIA DO MEIO AMBIENTE E DESPORTO

LAMARTINE P. DACOSTA

O tema do meio ambiente associado ao desporto é hoje uma restauração e uma contextualização de uma cultura que se revela crescentemente de forma global. Trata-se, então, de um retorno à natureza e simultaneamente da universalização do desporto, recuperando antigas práticas e teorizações ontológicas tanto quanto estabelecendo uma nova ordem epistemológica para atividades físicas, jogos e competições.

Se tais renovações do desporto torna-o complementar às transformações ambientais, diz-se que ele é *sustentável* uma vez que a atividade desportiva mostra-se mais harmônica do que antagonica em relação à natureza. Esta proposição já era antevista pela prática desportiva do final do século 19 no norte da Europa e assinalada por Coubertin em 1907 como atitude ética a ser desenvolvida pelos desportistas.

Contudo, em termos históricos a íntima relação entre desporto e natureza já estava presente em Olympia, *locus classicus* dos Jogos Olímpicos na Antiga Grécia e também sitio de origem do mito Gaia, que ora se propõe como símbolo central dos movimentos ecológicos. A atual busca de uma teoria integrada do meio ambiente e do desporto indicaria, em tese, a incorporação mútua do mito do olimpismo - reabilitado por Coubertin - e do mito Gaia.

Os Jogos Olímpicos de Inverno de 1994, realizados em Lillehammer (Noruega), representariam na prática a fusão de Olympia com Gaia criando os chamados "Jogos Verdes". Neste evento, de forma inédita unificou-se a gestão ambiental com as competições olímpicas, com alcance planetário promovido pelos meios de comunicação de massa.

Partindo de pesquisa de campo realizada em Olympia, entre 1992 e 1994, em que o Autor do texto original encontrou evidências de significados compatíveis entre os Jogos e o culto à deusa Gaia, propõe-se então a adoção da *epistemologia simbiótica* - elaborada pelo filósofo contemporâneo Arne Naess - para conciliar em sentido ecológico os diferentes saberes que envolvem o meio ambiente e o desporto, quer científicos ou mitológicos.

Por outro lado, há uma outra tradição mais antiga, originada na Alemanha a partir de Juergen Dieckert (também professor visitante no Brasil), que se concentra mais na investigação científica de aspectos particulares do desporto em relação ao meio ambiente. Desta fonte origina-se a maior parte do conhecimento da temática em questão.

Entretanto, filósofos de índole ecológica consideram as abordagens positivistas como excessivamente reducionistas, sugerindo que se adotem teorias construídas como processos em permanente evolução. Assim disposto, uma teoria de meio ambiente e desporto corresponderia a uma explanação que integrasse de forma conjunta partes de conhecimento.

## TOWARD A THEORY OF ENVIRONMENT AND SPORT

LAMARTINE P. DA COSTA

University of Rio de Janeiro - Gama Filho, Brazil



The environment has become an intensely topical theme to sport practice in recent years. Based on Jorge Bento's interpretations the pervasiveness of this environmentalist theme, may be primarily regarded as the restoration of an historical relationship between sport and nature rather than on newly articulated phenomenon of modern sport. <sup>(1)</sup>

So far, the re-infusion of self-expression in physical activities within natural contexts - brought about at large by environmentalism - is one of the distinctive approach to contemporary sport. A good illustration of this current interpretation is provided by Fernand Landry when noting that "self-realization and self-expression aimed at personal well-being, health and adaptation to one's environment" seems to be the completion of the globalization process of sport, perceived by Coubertin. <sup>(2)</sup> Although its foundations have been on individuals, the distinctiveness of sports interdependence with nature will likely to be more clearly contextualized in the new global culture.

In other words, sport might be understood comprehensively in present days by a twofold statement, that is by means of the ontological argument of sport as a being-in-it-self in natural circumstances and by the explanation of cultural identity of sport.

Not surprisingly, Hans Lenk already in 1985 defined sport as a "cultural phenomenon on a natural biological basis" and more recently Ommo Grupe pointed out boldly: <sup>(3)</sup>

*Sport as a cultural phenomenon reaches far beyond the traditional boundaries of sport itself, it is the expression of a new understanding of culture.*

These interchangeable definitions are otherwise apart from the conception



of sport as independent of things, in which the traditional view of universals is applied, similarly to the theory of play as elaborated by Johan Huizinga and others.<sup>(4)</sup> Actually, sport as an entity of nature presupposes universals as existing within particulars (*universalis in re*) while the cultural meaning of sport refers to universals derived from particulars (*universalia post res*).

But this universality cannot be regarded as a basis for principles or judgment if the so called naturalistic fallacy is accepted as a philosophical criterion. Significantly this fallacy reduces from natural characteristics a nonnatural property. Nevertheless, distinguished philosophers such as Jürgen Habermas (foundationalist) and Richard Rorty (antifoundationalist) have been rejecting the naturalistic fallacy validity.<sup>(5)</sup> Thus, whether in universalist or in relativist points of view, sport in nature expresses values and sport in culture represents facts. As yet both interpretations are claiming universalizability although playing independent roles, not mutually exclusives.

The ambivalence towards sport is furthermore similar to the ambivalence of globalization which corresponds to diverse claims of universality. Milton Santos sees this controversy in the grounds of the universal dominance of man in postmodernity, contrasting with separate and disperse damages to life everywhere on Earth.<sup>(6)</sup> For Michel Serres, this self-degradation of society induced by technology is mainly referred to a demand of *natural contract* instead of *social contract* which formerly typified modernity<sup>(7)</sup> and also the Olympism proclaimed by Coubertin.

#### SUSTAINABILITY AND ETHICS

At this point of reasoning on environment and sport, the current proposition of *sustainable development* can illuminate the potential of natural contract. To enhance a sustainable society is to arrange development and environmental protection as complementary forces rather than antagonists. That is to say, increasingly high standards of any sort ought to be consistent with the needs and constraints of nature.<sup>(8)</sup>

This reconciliation constituted the common challenge of both the Stockholm (1972) and Rio de Janeiro (1992) United Nations Conferences on Environment and Development. As historical milestones for environmentalism, these conferences focused on promoting the union of single-minded forces of international society as a global agreement. The attempt to have such natural contract in a planetary scope, among successes and failures, proved the

importance of a harmonious combination of political actions and environmental ethics.<sup>(9)</sup>

However, the challenge of sustainability gained more visibility on local levels where politics and ethics become a combination of instrumental values with intrinsic values seeking for environment preservation. This conception, in spite of variety of forms, is commonly shared by leading scholars of environmentalism, such as Hargrove, Rolston, Fox, Lovelock, Turner, etc.<sup>(10)</sup>

Drawing primarily on the propositions of these philosophers and scientists, sustained development is specifically the ethical instrumentalization of nature, respecting its intrinsic values. Or, more pointedly for sport concerns: physical activities, games and competitions are sustained when their instrumentalization respects the intrinsic values of nature and sport.

Moreover, the best way to lead into a discussion on sustainability in sport is to be aware of Arne Naess' ontological argument. For this Norwegian philosopher, proponent of *Deep Ecology*, intrinsic values derive from the richness and diversity of life forms which "contribute to the realization of these values and are also values in themselves".<sup>(11)</sup>

Arne Naess also calls attention to the typical attitude of *friluftsliv* (free air life) when arguing the roots of Deep Ecology:<sup>(12)</sup>

*Norwegians walk, run, creep into nature to get rid of whatever represses them and contaminates the air not only the atmosphere. They don't talk about going out, but in and into nature.*

This life-based approach to sport complemented the work of several environmentalists and scholars in the development of "Nature, the True Home of Culture" project. In short, this initiative of the Norwegian University of Sports and Physical Education promotes the reconciliation of sport, nature and culture, following the tradition set by Fridtjof Nansen, a well-known nineteenth century explorer. His influence, still alive in Scandinavian countries, is characterized<sup>(13)</sup>

*by an appraisal of simple "antitechnological" ways of life and by an emphasis on the struggle with nature as a means to develop individual courage, daring and determination. These examples are an indication of the fact that physical activity in nature is culture bound.*

### COUBERTIN, GAIA AND OLYMPIA

In terms of Olympism and the Olympic Movement, the tradition of sport and nature has its original source in the writings of Pierre de Coubertin himself. Early in 1907, the "Revue Olympique" published a Coubertin's article, "A Propos de Rallyes" <sup>(14)</sup> in which "sportmen" were urged to keep clean sport practice sites.

For the founder of Olympism, probably for the first time in modern sport history, sport people were intended to become defenders of nature. Regarding values, the article proposed the development of the *beau public* (public beauty) in addition to *bien public* (public wellness), combining ethical justification with aesthetic experience.

This typical *sprit de finesse* of Coubertin had, however, a previous motive.

Accounting to Don Anthony's declarations during the International Congress "Hosting the Olympic Games, the Physical Impacts" (Olympia-Greece, June 1994), the Baron visited the Much Wenlock Olympian Society in England, by 1890, when he planted a named tree. This ceremonial planting was at that time a tradition of the Society since its roots were originally found in the Wenlock Agricultural Reading Society, an off spring of the Royal Society of Arts which included tree planting schemes in its national parks as early as 1754. As such, Anthony deduced that "the modern Olympic idea was revived in an environmental friendly atmosphere by people who saw sport as part of an all-round education and cultural experience".

Thus, in large measure, past developments of sport environmentalism imply an intrinsic value understood as a sense of belonging, recently described by Risto Telama as follows: <sup>(15)</sup>

*For physical activity, the symbolic value of nature means, for instance, the possibility to feel that one is part of nature, nature is part of life. This possibility is also related to the observation of changes in physical activity in nature is appealing because it is possible to observe changes in nature: growth and decay.*

Such interpretation may be significantly met by an emerging fact: in symbolic terms nature and sport have a common origin, a singular identity to be shared. This thesis has support in Pausanias' text, "Hellados Periegesis", written in second century A.D. In this "Description of Greece" the alter of

goddess Gaia is located on the slope of Kronos hill at Olympia, north of the Temple of Hera. <sup>(16)</sup>

In Ancient Olympia this sacred area was called "Gaion". It was found directly opposite the equally sacred Olympic Games premisses. During that period, the setting of Gaion became famous in Greece for the beauty of the landscape and specially for the river Alpheios, where waters flowed down into earth. <sup>(17)</sup>

The myth of Gaia, therefore, might have originated as a relationship for the Alpheios' geological break and the established religious rituals, since Gaia was acknowledged as "mother earth" as well as a goddess among Olympian gods. It is worth noting that Gregory Bateson when discussing the analogy between the system by which social groups are recognized as parts of the larger ecological system, proposed that fantasy becomes morphogenetic, that is, it turns out a determinant of the shape of the society. <sup>(18)</sup>

For the most part then the sacred area of Olympia should represent a self-validating example of a cultural identity, involving nature and religion from former Greek civilization. And the "actions that the fantasy dictates", still reviewing Bateson words, seems to refer to Altis valley where worship, art and agonistic contest - Olympic Games included - were integrated in celebrations.

In sum, *totemism* is the best description for Olympia if anthropological terminology is adopted in order to define the relationship of the natural world and social systems. Such interpretation is reinforced by recalling a H.W. Pleket text: <sup>(19)</sup>

*Olympia was a function of an increasingly urbanized world but was itself not the product of an important city ... Elis, that is the region in which Olympia was situated, was an agrarian district and the city of Elis was a relatively late, rather artificial town ... Olympia just was and remained all through antiquity the top of the vast iceberg of crown-games.*

It follows that a sound explanation for choosing Olympia to stand as the "locus classicus" of Olympic Games, relates to the vitality of local forests and rivers, the natural elements that gave birth to Gaia symbolism. Nikolas Yalouris, Greek archeologist and historian, favours this interpretation too, following his decades of excavating the different sites of the Elis region. <sup>(20)</sup> In his vivid analysis he declares: <sup>(21)</sup>

*Myth is the language of the spirit. Unlike history, it does not refer to ephemeral events and incidents, to ever-changing external factors and phenomena of human life. Myth is the embodiment of man's earliest memories of his own origin, his "god-given origin", as Pindar says (Frg. 137 a). Inseparably linked with religion, it formed its very roots and ramifications in the life of the Hellenes ... As "immanent reason" myth is expressed in the fine arts, in poetry, music and dance-all of which lead to beauty and the attainment of man's true nature.*

Notice that Yalouris refers additionally either to disregarded aspects of the myth or to the enrichment of meaning during its evolution. <sup>(22)</sup> Indeed, Gaia is now rehabilitated as a central symbol for many ecological minded scientists and activists as well. <sup>(23)</sup> In turn, the Olympic myth was restored one hundred years ago by Coubertin through new representations from the original Greek meanings, but Olympia remained only as a symbol of the Olympic Games.

Of course, if a foundational symbolism for environment and sport is needed, the rehabilitation of Olympia as also the birth place of environmentalism is justified. This suggestion necessarily incorporates Gaia by giving her a more clear reference in addition to the global representation already assimilated.

#### **THE LILLEHAMMER CONVERGENCE**

The interplay between claims and symbols is actually a peculiarity of Ecology in its associations with other areas of knowledge, <sup>(24)</sup> going far beyond Gaia and Olympia aspirations and needs. In this sense, Felix Guattari had proposed a new "Ecosophy" and Warwick Fox mentions an "Ecophilosophy", both giving emphasis to the role of subjectivity in human relations with environment. <sup>(25)</sup>

On the other hand, symbolism is an essential characteristic of sport that is often overlooked. So, the Olympic Movement and Olympism, by their very nature, have sustained sport as a mode of symbolic production. But innovative claims were included already in Coubertin's era, being marked by significant events, such as Games and Conferences in selected places. Cities, in this course of actions, became milestones of modern Olympic history. That is the case of Lillehammer.

In fact, there was a convergence during the 1994 Winter Olympic Games in which the meaning and identity of culture, nature and sport had an interface

C with a contract of sustainability calling for a redefinition of sport management and facilities. Early on, in Norway, a democratic process of negotiations took place shortly after the initial demonstrations and protests against the Games. In effect, the environmental damage occurred during the 1992 Winter Olympics of Albertville brought forth strong reactions from governments and environmentalists. <sup>(26)</sup>

The Lillehammer Olympic Organizing Committee (LOOC) consequently forged a partnership with local environmental groups, injecting a new sensibility into the Olympics. This became the first time in history that the Olympics assumed a positive pseudonym, "the Green Games". <sup>(27)</sup>

Further, the phrase "environmental showcase" was officially coined by the Norwegian Government. The LOOC proceeded to develop a "green profile" by means of a coordinated project for the management of the environment and sport under the auspices of a unified concept. The expertise was provided by Sigmund Haugsjaa, a physical educator with connections in the environmental and Olympic movements, who challenged apparently conflicting interests in order to obtain the best possible Olympics for the environment. <sup>(28)</sup>

The improvement was evident at virtually all athletic venues in Lillehammer. As a result, the expressions "the greening of sports", "the third dimension of the Olympics" and even "eco-correct sports", <sup>(29)</sup> became synonymous with the Lillehammer experience.

This noticeable advancement may be represented by the renewal of Lillehammer's natural and cultural settings with their intangible qualities usually unremarked in regular planning from previous Olympics. Summarizing here follows key guidelines adopted by LOOC: <sup>(30)</sup>

(a) All buildings must reflect a simple design, conform to the aesthetic and ecological prescription of the landscape, and use natural materials such as wood and stone as well as traditional colours.

(b) Unity and coherence in environmentally friendly design and construction.

(c) Permanent buildings conforming to local architectural traditions, while temporary structures reflect the unique visual profile of the Games.

(d) Ceremonial elements expanding on Northern lights, ice and snow, crystal, reinforcing the aesthetic unity of the Games.

(e) An individual visual profile for each Olympic sub-site, often centred on one key or "signal" building or facility, easily identifiable into overall style of the Games;

(f) Energy saving facilities, consuming at least 30 per cent less energy than similar premises.

(g) Control and early warning routines for food and water supply; prevention or reduction of waste in the first place as well as waste separation at source; recycling of materials and energy.

(h) Environmental impact control by standards, audit and spacial surveillance capable of measuring and monitoring around the clock land, water and air management.

(i) To develop new products and technologies associated with environmental demands of the Games to benefit companies concerned, government and sport institutions, in a broad educational purpose.

The comparison of Lillehammer's achievements with previous remarks may elucidate a relationship between concepts in transition or generalized notions and propositions (to explain on area of empirical reality) that are contributing to the emergence of a unified theory of sport and environment. Table 1 arranges these basic ideas into format that suggests areas of potential improvement.

Table 1: Environment and Sport. Structures of knowledge.

CONCEPTS	SOURCES	DOMAINS
Ontological Meaning	Empirical Evidences	History, Sociology...
Common Cultural Identity	Theoretical Interpretations	History, Anthropology...
Partnership for Sustainability	Globalization Trend	Political Science, Economics...
Culture-Nature-Sport Interplay	Needs and aspirations of Ethics and Aesthetics	Philosophy, Ecology...
Environmental Friendly Technology	Need of Principles, Standards and Laws	Engineering, Education...

It is appropriate to say of few additional words about the concepts which have been unfolding throughout this text. The construction of descriptive and explanatory concepts is legitimized by the absence of a tightly articulated theory, in addition to restrictions imposed by traditional disciplinary domain. This requirement is not sufficient managed yet by leaders and scholars.

By and large, sport institutions are still seeking to respond only to base-line demands imposed by environmental challenges. Their actual position is indicative as it may be ascertained in the evocative words of Richard W. Pound, member of the International Olympic Committee (IOC) Executive Board: <sup>(31)</sup>

*It is natural that the International Olympic Committee, as the leader of a worldwide humanistic Movement, should be concerned with the integration of the activities of the Olympic Movement with the well-being of the world in which we live. Indeed, the Olympic Movement is predicated on holistic principles of balance between body and mind, between action and contemplation, between sport and culture. It would be unconceivable for the IOC to divorce itself from recognition of the desirable balance between the needs of the present and those of the future.*

In terms of developing concepts, this statement can be appraised in the light of Lillehammer's milestone. In a nutshell, the 1994 Games represented an epistemological break, that is, a replacement of one central conception by another. Kept in its proper context, the IOC official guidelines on the environment state an explicit commitment to sustainable development and to this end they prescribe educational, managerial and monitoring *principles*, not standards or norms. <sup>(32)</sup> At Lillehammer those principles were overextended by ethical and aesthetical assumptions locally developed, and equally by assuming culture as the centre of the overall planning.

#### **ENVIRONMENT AND SPORT REDEFINITIONS**

More importantly, Lillehammer as a real influential project in science and technology pointed out another unsettling bedrock of knowledge for the environment and sport. Unlike the set of interrelations of Table 1, the remaining focus evolves in day-to-day studies and research.

As the philosophical and scientific dialectics on the environment and sport relations continue, this current trend lies between the construction of



knowledge presented in Table 1 and the efforts to develop a unified theory. Even being a dominant mainstream, this trend is lacking in an impact similar to what was provided in Lillehammer. While the later course concentrates its efforts in fragmented and inductive approaches the former ones have been experiencing deductive and in-depth advancements, as seen in Nansen, Coubertin, Naess and other cornerstones.

But still missing in Table 1 is the notion of redefining sport practices and required facilities in light of the increasing ecological awareness in many countries. This supposition is initially supported by more than 500 articles and books on the environment and sport published in the 1986-1992 period. Most of them is point-specific and close enough to observed data or presuppositions to be incorporated in principles, norms, standards and even laws. <sup>(33)</sup>

In line the last comment German scientists and thinkers, are emerging as a leading group in the process of knowledge building for environment and sport involvements. Perhaps reflecting the unrelenting environmental crisis of their country, prominent scholars from sport and leisure activities showed an early accountability for ecological consideration for sport planning.

For instance, Jürgen Dieckert, from the University of Oldenburg, wrote an article in the beginning of 1970's emphasizing the character-building quality of nature-oriented practices. To foster this idea he put the focus on a sort of social pedagogy predicated on Sport for All which was extremely innovative for that period. <sup>(34)</sup>

Later, but still in the seventies, teaching in a Brazilian university, Dieckert and his local collaborators published a book about appropriate technology in sports. Through this book he expanded his original theoretical propositions. <sup>(35)</sup> In short, these early works attempted to combine educational and community-based principles with equipment and facility norms and standards in view of local and cultural adaptations.

The redefinition of sport and all of its components was surely the central premise of Dieckert's works. He sought solutions for *Umweltprobleme* (environment problems) by means of *Sport und Umweltschutz* (sport and nature protection), using his textual expressions. <sup>(36)</sup> And rather than merely identifying environmental risks, this demand included explicit changes in the Olympic Games and more effective participation of German federations of sports, especially their leading representative body, the *Deutsche Sportbund* - DSB. <sup>(37)</sup>

At the suggestion of Dieckert, *Sport und Umweltschutz* assumed on or going commitment from the German Sport Federation (DSB), during the past decade. Under the coordination of Hans Jägemann, DSB has been promoting an information network since the late 1980's besides providing capacity building to federations and other German sport, environment and other institutions through printing materials, technical meetings, seminars, etc. <sup>(38)</sup>

Today, to assess the state of scientific and philosophical knowledge in sport and environment issues, DSB is a major and indispensable source. And by all means, this accomplishment appears to maintain the tone established by Jürgen Dieckert as equally to develop in present times a growing public awareness on account of Hans Jägemann's main principle of *Sport schützt Umwelt* (sport protects the environment). <sup>(39)</sup> What should this enduring association represent in terms of symbolism an enrichment of Gaia by Olympia?

#### THE SYMBIOSIS OF KNOWLEDGE

In developing a unified theory on the environment and sport, the descriptions and explanations of the preliminary sections of the paper offer a conclusive synthesis that is shown in Table 2. Contrary to Table 1, which represents an overview of previous conditions of knowledge, the new design attempts to redefine the five cognitive interests in terms of epistemological consistency.

In sum, Table 2 combines already familiar relationships between claims and symbols with new propositions in order to fulfill Robert Merton's classic requirement, <sup>(40)</sup> understood as

*the all-inclusive systematic efforts to develop unified theory that will explain all observed uniformities of social behavior, organization and social change.*

While focusing more precisely on how symbols are linked to propositions and their claims, Table 2 illustrates that, only Gaia is an assimilated point of reference among environmentalists. Although the Green Games were a short term proposal and a successful and emblematic response on the part of Lillehammer and the imagery building media, Olympia, Coubertin and Gaia-Olympia signify existing symbolic representations of sport and the environment combined.

Table 2: Environment and sport theory. Foundations and meanings.

PROPOSITIONS	CLAIMS	SYMBOLS
Ontological Meaning	Universal Value	Gaia (assimilated)
Common Cultural Identity	Universal Fact	Olympia (suggested)
Natural Contract	Sustainable Society	Green Games (proposed)
Culture-Nature-Sport Cognitive Domain	Olympism and Deep Ecology	Coubertin (Suggested)
Redefinition of Sport Practices and Facilities	Ecological Conscious Society	Gaia-Olympia (Suggested)

Ultimately, Table 2 represents an epistemological break in the redefinition and overall coherence of sport environmentalism. But as yet it is a work in progress, insufficient to draw uniformities at all. Unless this five-levels model for the structure of knowledge is recognized to represent an element of truth, its scientific validity is thereby applied only as foundations to some future theory.

Nevertheless, these conclusions must be attached to a fact-value multidisciplinary bottom-line originally resulted in Table 1 and developed further into an epistemological critique in Table 2. Ecological conscious philosophers otherwise interpret these positivist approaches as reductionist in their nature, implying often acceptance of the on-going process of theory building. This new validity criterion is expressively called symbiosis by Arne Naess in Deep Ecology. In other words *meanings* are visions as basic and significant as *foundations*.<sup>(41)</sup>

Eugene Hargrove endorses this thesis by explaining the peculiarities of the so-called environmental science:<sup>(42)</sup>

*Humans have most successfully manipulated nature by applying principles from physical sciences ... No comparable degree of manipulative ability has*

*as yet been developed in the environmental or natural history sciences. Although it is sometimes suggested that complete technological mastery of the environment might be possible if environmental science could somehow be reduced to physics and chemistry, it is important to recognize that these sciences are based on a reductionist method that may be only partially appropriate to environmental science, thereby making this possibility very unlikely.*

Notwithstanding, Holmes Rolston summarizes the option usually taken by environmentalist scholars: <sup>(43)</sup>

*Still a philosopher ought to hope for some veridical unity in the mind, whatever its divisions, and to try to make explicit rationally what is so often tacit ... Our upsets follow from our mindsets, and we are aroused to act in accord with what we believe. It is in a blending of thought, affection and willing that the epistemic powers of the mind lie, and we need accordingly a philosophical account of a suitable emotional response to nature.*

Now the final words belong to Gregory Bateson who inspires this essay. Already in 1958, dealing with environment and culture, he came up to the conclusion that "explanation means to put frames of knowledge together". <sup>(44)</sup>

That was the objective throughout this text which focuses on how the cultural meaning is encoded in all aspects of contemporary life, including sport.

#### NOTES

(1) Bento, J. (1991). Desporto para Todos: os Novos Desafios. In *Os Espaços e os Equipamentos Desportivos*, J. M. Constantino (Ed.), Câmara Municipal de Oeiras, p. 248.

(2) Landry, F. (1991). Preface. In *Sport ... The Third Millennium*, Landry, F. & Landry, M (Eds.), Les Presses de l'Université Laval, Sainte-Foy, Québec, p. xxxiv.

(3) Both Hans Lenk and Ommo Grupe quotations are from Grupe, O., *The Sport Culture and the Sportization of Culture*. In *Sport ... The Third Millennium*, Op. Cit., pp. 135-145.

(4) See, for instance Fink, E. (1966), *Le Jeu comme Symbole du Monde*, Les Éditions de Minuit, Paris, pp. 205-240.

(5) Rorty, R. (1988), Habermas and Lyotard on Postmodernity. In *Habermas and Modernity*, R.J. Bernstein (Ed.), The MIT Press, Cambridge, 1988, pp. 161-175.

- (6) Santos, M. (1992) 1992: a Descoberta da Natureza. *Estudos Avançados*, 6 (14), São Paulo, pp. 95-106.
- (7) Serres, M. (1991) *O Contato Natural*. Nova Fronteira Editora, Rio de Janeiro, pp. 21-29.
- (8) This concept is accounted to Reilly, W. (1991) Economic Growth and Environmental Gain, *Dialogue*, September - 1991, pp. 3-8.
- (9) The various categories and influences detected from Stockholm and Rio's experiences in contrast with international declarations on environment and sport are analysed in DaCosta, L. P. (1993) *Desporto e Natureza: Tendências Globais e Novos Significados*. Simpósio "Cidadania, Desporto e Natureza" - Universidade do Porto, Junho 1993.
- (10) Among several contributions from these Authors the following works discuss politics, ethics and environment:  
 Hargrove, E.C. (1989), *Foundations of Environmental Ethics*, Prentice Hall, Englewood Cliffs.  
 Rolston, H. (1989) *Philosophy Gone Wild-Environmental Ethics*, Prometheus Books, Buffalo.  
 Fox, W. (1990) *Toward a Transpersonal Ecology-Developing New Foundations for Environmentalism*, Shambhala, Boston.  
 Lovelock, J.; Turner, F.; Botkin, D.B.; Foreman, D., Man and Nature: a Symposium, *Dialogue*, September, 1991.
- (11) Naess, A. (1994), The Norwegian Roots of Deep Ecology, In *Nature - The True Home of Culture*. Dahle, B. (ed), Norges Idrettshogskole, Oslo, p.18.
- (12) Ibidem, p. 15.
- (13) The quotation is from Vuolle, P. (1991) Nature and Environments for Physical Activity. In *Sport for All*, Oja, P. and Telama, R. (eds.), Elsevier Science Publishers, Amsterdam, pp. 597-606. In addition, the philosophy of Fridtjof Nansen is described by himself in FRILUFTSLIV. In *Nature, - The True Home of Culture*, op. cit. pp. 6-7 (text written in 1921).
- (14) Coubertin, P. (1907) A Propos des Rallyes. *Revue Olympic*, mars, pp. 238-240. In "*Pierre de Coubertin-Textes Choisies*", Tome III - *Pratique Sportive*, Müller, N. et Schantz, O. (eds), Weidmann, Zurich, 1986.
- (15) Telama, R. (1991) Nature as Motivation for Physical Acitivity. In *Sport for All*. Op. Cit., p. 609.
- (16) Pausanias (1965) *Pausanias Hellados Periegesis*, N. Papaxangis (ed.), Messniaka, Athina, p. 293: V, 14, 10. (original text of Pausanias and comments from the editor). See also in Latin version of the Greek text: *Pausanias Descriptio Graeciae* (1845), Ludovicus Dindorfius (ed), Editore Ambrosio Firmin Didot, Paris, pp. 249-250.
- (17) Personal communication with Nikos Yalouris and field observations in 1992 and 1993. Actually, the Rivers Alpheios and Kladeos converge in southwest area of Olympia, producing in the past frequent floods in part of the sanctuary. Flooding and earthquakes covered the location of the supposed geological break with silt, nearby Kronos hill. Apparently the instability of water, earth and stone is peculiar to the locality, washing away the area between the plain (where religious and civic monuments were built) and the slopes of Kronos hill. As a result the myth of Gaia made a connection with the flowing of waters, if the text of Pausanias is accounted.

(18) Batenson, G. (1988) *Mind and Nature - A Necessary Unity*. Bantam Books, New York, pp. 150 - 151.

In addition to this explanation see Morgan, C. (1992) *Athletes and Oracles - The Transformation of Olympia and Delphi in the Eighth Century B. C.*, Cambridge University Press, 1992, p.43: "It is possible that Gaia and Themis presence at Olympia may be the result of mythological family ties also, yet it is perhaps more likely that these cults are genuinely early, and if so, their chthonic and rustic attributes are suggestive at a rural shrine, Judith Swaddling wishes go further still, and have the early Olympiads primarily as agricultural thanks givings".

(19) Pleket, H.W. (1992) *The Olympic Games and Their Decline*. Report of the 1st Joint International Session of I.O.A., 20 - 27 May 1992, Ancient Olympia, pp. 19 - 24.

(20) Personal communication in 1993.

(21) Yalouris, N. (1977) *Pegasus: The Art the Legend*. Westerham Press, London, p. VII.

(22) Ibidem, p. XXIV.

(23) See Thompson, W.I. (1991) *Gaia Emergence - The New Science of Becoming*, Lindisfarne Press, New York, pp. 11- 29.

(24) This connection is analysed in historical and philosophical concerns by DaCosta, L. P. (1992) O Olhar e o Pensar Ambientalista. In Soares, A. (org.) *Ecologia e Literatura*, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, pp. 35 - 40.

(25) Guattari, F. (1990) *As Três Ecologias*, Papirus, Campinas (French original version: 1989) Fox, W. (1990) *Toward a Transpersonal Ecology*, Op. Cit.

(26) See the editorial "Le Parlement Européen Critique Fermement l'Impact Ecologique des Jeux Olympiques d'Albertville". Lettre de l'Economie du Sport, no. 160, mai 1992, Editions Sportune, Paris.

(27) For more on this see "The Greening of Sport - The Third Dimension of the Olympics" elaborated by Ministry of Environment - Norway in Green Issues (Special issue), February, 1994, Oslo.

(28) Personal Communication with Sigmund Haugsjaa in 1993 and the text Haugsjaa, S. (1993) *Lillehammer: do Desafio às Oportunidades*. Simpósio "Cidadania, Desporto e Natureza", Universidade do Porto, junho 1993.

(29) See for instance Star, M. (1994) *Now, the Green Games*, Newsweek Special Issue, February, New York, pp. 46 - 47.

(30) Green Issues (1994) Op. Cit., pp. 5 - 10.

(31) Pound, R. W. (1993) The IOC and the Environment. *Olympic Message*, no. 35, March, p. 14.

(32) The IOC Declaration on environment issues is reproduced in *Olympic Message*, no. 35, March, p. 22.

(33) Data obtained from Merilainen, O. (1992) *Sport and Nature - A Selected Bibliography 1986 - 1992*. Likes Information Service, Report on Physical Culture and Health, Jyväskylä. Also in order to observe the trend of principles and standards.

see:

Deutscher Sportbund (1992) *Literatursammlung Sport und Umwelt*, Abteilung Umwelt und Sportstätten.

Neuerburg, H. J. und Wilken, T. (1991) *Umweltregeln im Sport*, Deutscher Sportbund.

Jägemann, H. und Rosenblum, K. (1991) *Sammelband - Sport schützt Umwelt*, Deutscher Sportbund.

Schemel, H. J. und Erbguth, W. (1992) *Handbuch Sport und Umwelt*, Meyer & Meyer Verlag, Aachen.

(34) Personal communication with Jürgen Dieckert in addition to Dieckert, J. (1972) *Sport und Umweltschutz. Sport und Gesundheit*, Bonn, pp. 7 - 18. In the same theme Dieckert published six articles in Germany from 1972 to 1985.

(35) Dieckert, J. e Monteiro, F. D. (1983) *Parque de Lazer e de Esporte para Todos*. MEC/SEED - Universidade de Santa Maria, Brasilia. This book had nine collaborators and the "Introduction" was written by L. P. DaCosta.

(36) See the summary of Dieckert's "Sport und Umweltschutz" in Zahnarteicle Mitteilgen (ZM) no.16/1972, pp. 823 - 830, especially in page 823.

(37) Ibidem, p. 830.

(38) DSB's first approach to sport and environment was published in 1977 by an editorial: "Umweltprobleme des Sports", Frankfurt am Main. Since 1986, the Newsletter "Sport schützt Umwelt" have been regularly issued quarterly.

(39) Personal communication with Hans Jägemann and also the Report *Réu e Vítima: as Relações do Desporto com o Meio Ambiente*. Simpósio "Cidadania, Desporto e Natureza", Universidade do Porto, Junho 1993.

(40) Merton, R. (1968) *Social Theory and Social Structure*. Free Press, Glencoe, p. 97.

(41) For "symbiosis" concerns see Naess, A., Ecology, Community and Lifestyle. *The Ecologist*, 1989, no. 19, pp. 196 - 197. The relevance of "meaning" in comparison to "foundation" may be assessed through Jackson, E. L. & Burton, T. L. (eds.) *Understanding Leisure an Recreation*, Venture Publishing, State College, Pennsylvania, 1989, pp. 47 - 48: "The principal limitation to much conceptual and theoretical research in leisure studies has been its failure to come to grips with the issue of *meaning*. The pertinent question has to do with the meanings that people ascribe to their leisure experiences. It is a question that has rarely been addressed in the field - and certainly not answered in any comprehensive manner".

(42) Hargrove, E. C. (1989). Op. Cit., p. 159.

(43) Rolston, H. (1989) Op. Cit., pp. 249 - 250.

(44) Bateson, G. (1988) *Naven*. Einaudi, Turim, p. 264 (English original version from 1958).

## SPORT AND NATURE: GLOBAL TRENDS AND NEW MEANINGS

LAMARTINE P. Da COSTA

A growing concern on the natural environment as an expression and a self-realization of participants, is one of the main trends of sport in the 21st century's threshold. This fact may be included in the new set of values emerging from social relations, centered in environment conservation and protection of today's changing culture. In sport area, this process of change was recently referred to "sustained development", a proposal that seeks for a balance between expending and conserving natural resources.

Already in 1907, Coubertin prescribed the new value of "beau public" when sport participants neglected the conservation of "bien public", anticipating the idea of environment friendly to sport practices. Beforehand, Scandinavian countries have identified sport in harmony with nature as a basis to practices. But, only in 1970's the image of sport exerting a harmful influence on environment come into view, along with its ambivalence in approaching nature's settings.

One solution to this conflict appeared to be contractual, when the conception of giving limits to sport practices was proposed by the Council of Europe after the environmental problems that came forth during the Olympic Games of Albertville. The Lillehammer Games in 1994 may be considered an example of contractualism on account of the environment control implemented by means of agreements among sport, government, community and private enterprise institutions.

Another solution is the normative control of environment harassments in sport area, as enhanced in Germany and Switzerland. In this case, sport institutions and scientists put more emphasis in a short-term and pragmatic approach, favoring the intervention over the mediation. Yet, both alternatives of solution do not show philosophic foundations specially elaborated to provide ethical principles. In other words, sport leaders are developing naturalistic observations besides anti-naturalistic thought as well.

The lack of a reliable philosophical basis to environmentalists and to ecological sport proposals, gives grounds to a new order, that of the man-nature integration supported by social and cultural knowledge. The concept of "informal city" pursues this integration for its commitments with solidarity and common understanding, primarily found in sport relations.

The redefinition of sport should depend on this central role involving solidarity and sharing manifestations of life. What is under scrutiny in these circumstances is a new culture with citizens behind, likewise Spinoza had interpreted when he conceptualized manhood incorporated in nature.



In all, sport is now pointing out new meanings as an effect of man who competes but equally participates. This is also prevailing over the classic interpretations of sport, generally connected to external factors or to sport in itself. Mostly, intrinsic values and extrinsic values are likely to be key categories for building up a framework of relations between environment and sport.

Conversely, sport is crossing the border of a long-time intervening actor of ecology, to enter in a new profile of receptive element of ecology. This change has been recently signalized by the so called "adventure sports".

In terms of global trends, a comparative analysis made with the categories from which sport is defined nowadays, allowed to select the following perspectives:

(1) The contractual and normative solutions are to be expanded in coming years, perhaps jointly with new appropriate technologies.

(2) The proposition of "sustained development" ought to be prevailing up to the year 2002, when the global agreements issued on behalf of Rio de Janeiro Conference - 1992 shall be reviewed.

(3) The pragmatism as a basis to find solutions to environment and sport conflicting relations shall continue until the on-going experiences in this area permit to establish theoretical foundations to an environmentalistic ethics.

## DESPORTO E NATUREZA: TENDÊNCIAS GLOBAIS E NOVOS SIGNIFICADOS

LAMARTINE P. DA COSTA

Universidade do Rio de Janeiro - Gama Filho, Brasil



As relações do desporto com a natureza podem ser assumidas preliminarmente por uma síntese de Jorge Olímpio Bento em que "o cenário desportivo, impulsionado por uma primeira tendência de trazer o desporto do exterior para o interior, para o espaço fechado e coberto, é hoje marcado por uma segunda tendência, nomeadamente a de levar o desporto para o espaço aberto, para o ar livre, para o exterior, para a natureza" <sup>(1)</sup>.

De fato, um crescente envolvimento com o meio ambiente natural como auto-realização e auto-expressão dos praticantes, inclui-se entre as principais tendências do desporto neste final de século. Estas transformações, por sua vez, conjugam-se primariamente numa categoria superior que Fernando Landry ao resumir a situação do desporto na atualidade localiza na *globalização* <sup>(2)</sup>.

Tal perspectiva não difere de outros diagnósticos relacionados aos nossos dias, em qualquer país e notadamente na dimensão econômica, que converge para um sentido macro nas relações culturais, expressando o domínio técnico-científico da vida humana sobre a terra <sup>(3)</sup>. Neste contexto, como diz o geógrafo Milton Santos, "a natureza artificializada alcança seu estágio supremo, mas a natureza e o homem tornaram-se reciprocamente hostis" <sup>(4)</sup>. A globalização, nestes termos, implica em ambivalência que está sublimando o homem universalista e simultaneamente ameaçando-o de destruição. Por isso, em meio a diversas outras alternativas de reverter este processo de auto-extinção, destaca-se uma mais abrangente proposta pelo filósofo Michel Serres que antecipa um necessário "contrato natural", completando o antigo e ainda inacabado contrato social que tipificou a modernidade dos últimos séculos. Este instrumento estaria apto a superar as violências contra

a natureza cometidas ao longo da história, ausentes de qualquer ética ou direito normativo. Serres atribui a esta possibilidade, todavia, a condição de verdadeiro ponto de mutação da história humana em que se cruzariam os dois contratos fundamentais da civilização, submetendo a controle exigências e arbitrariedades da ciência auto-reflexiva de nossos dias<sup>(5)</sup>.

Contudo, o retorno à ordem universal da natureza, antes postulado por Rousseau como um reencontro do homem consigo mesmo, tem se revigorado nas últimas décadas no interior do próprio conhecimento científico. Nesta versão contemporânea em que a natureza mediatiza em lugar de harmonizar, as ciências estão detectando a iminente extinção da vida no nosso planeta, legitimando como decorrência recentes atitudes públicas e movimentos ativistas de defesa ecológica.

Temos, então, a emergência da "cidadania ecológica" cujo ponto de partida no plano global é usualmente demarcado na Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano (United Nations Conference on the Human Environment), realizada em Stockholm, maio-junho de 1972. A partir deste evento, efetivamente gerou-se um movimento político de proporções planetárias para proteger e conservar a natureza, em que pese o caráter difuso e por vezes contraditório de suas justificativas. Neste mesmo ano também surgiram duas obras de fundamentação científica que passaram a dar sentido factual à mobilização cívica dos anos que se sucederam: "The Limits of Growth" (Os Limites do Crescimento) de D. H. Meadows e associados<sup>(6)</sup> e "A Blueprint for Survival" (Um Esboço para a Sobrevivência) de E. Goldsmith et alii.<sup>(7)</sup>

#### FATOS E VALORES

A partir de 1972, portanto emergiram fatos científicos capazes de mobilizar as elites pensantes na maioria das nações tanto quanto de dar conteúdo e sentido a novos valores nas relações sócio-culturais em face à natureza. Enquanto tal, este ambientalismo *fin-de-siècle*, ainda se cogitando da sua dimensão global, acabou por obter uma síntese em 1992 quando da realização no Rio de Janeiro da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (United Nations Conference on Environment and Development) que consolidou os acordos de Stockholm centrando as situações de cunho ecológico nas pretensões do desenvolvimento econômico.

Houve assim uma solução pragmática que delineou uma cidadania eco-

lógica internacional ainda incompleta em sua concepção mas apoiada numa proposta objetiva: a do desenvolvimento sustentado (sustained development), aquele que busca um balanceamento ótimo de recursos naturais nas relações econômicas, substituindo os procedimentos de máxima mobilização dominantes nos dias presentes.<sup>(8)</sup> Ganhou-se, enfim, espaço político real no concernente a um ambientalismo que nos seus primeiros espasmos exagerava em previsões de catástrofe ecológica (o relatório citado de Meadows é emblemático neste particular), porém mostrando-se ainda distante da proposição contratualista mais ampla de Serres.

Quanto aos valores, as duas décadas passadas do evento histórico de Stockholm revelaram no dizer de Spretnak (1991) uma crescente fragmentação de sentidos que se conjugaram somente na defesa irrestrita da natureza como centro do agir e do pensar<sup>(9)</sup>. Em contas finais, assistimos hoje o florescer de uma cultura global que se manifesta na economia internacional, na política e na ciência e na tecnologia, mas que não encontra a mesma coerência e sintonia no nível menor de relações sociais, mais voltado para peculiaridades grupais e locais; neste caso, o meio ambiente surge como valor central na condição de poder integrar os interesses e visões dessas polarizações macro e micro.

#### DESPORTO E NATUREZA

Se percursos de valores e fatos são exercitados no âmbito das relações entre o desporto e a natureza, verifica-se inicialmente que a predisposição axiológica antecipou-se sobremaneira à emergência dos fatos em oposição ao ocorrido com a vaga ambientalista da história recente. Isto se verifica no texto de Pierre de Coubertin "A Propos de Rallyes", publicado em 1907 pela "Revue Olympique"<sup>(10)</sup>, em que se discute a necessidade de educar os *sportsmen* (sic) para evitar o lançamento de papéis e outros objetos nos sítios naturais de prática desportiva.

Neste artigo de Coubertin constata-se, possivelmente de forma inédita para sua época, a existência de poluição produzida pelo desporto hoje em crescente evidência. E como tal é sugerida a valorização do "beau public" em sobreposição ao "bien public" por parte dos praticantes desportivos. Antes, a julgar por estudo de Pauli Vuolle<sup>(11)</sup>, já surgira na Noruega o valor da atividade física na natureza como meio de desenvolvimento da determinação pessoal e da coragem. Este tipo de convivência homem-natureza, em que o ambiente

natural é visto como oposição e não como inimigo, teria sido enfatizado e posteriormente se tornado tradição nos países do norte da Europa por via da divulgação das ideias do explorador Fridtjof Nansen, ainda no século XIX. Para Vuolle, este fato histórico teria o significado de demonstração do sentido cultural que se deve atribuir à prática desportiva na natureza <sup>(12)</sup>.

Algo semelhante ocorreu com os propositores franceses do exercício físico sob forma de retorno à natureza, como se observou em Hébert, Rouhet e Carton no período entre 1912 e 1925 <sup>(13)</sup>. E neste exemplo mais próximo, como relata Vigarello <sup>(14)</sup>, a motivação situa-se na regeneração moral e no ascetismo, valores típicos da tradição higienista vinda do final do século XIX na França.

Mas se considerando a natureza como valor a ser preservado (Coubertin), o que se lhe pode aduzir situa-se na antiga idéia da natureza como princípio diretor, uma linha de conduta ou um propósito. Já referenciando a natureza como mediadora da valorização do homem (Nansen, Hébert etc) incide-se na tradição também remota da cultura como meio de controle ou de transcendência das condições naturais. Em última instância estaria presente no primeiro caso o existencialismo e, no segundo, o essencialismo, duas principais abordagens filosóficas fundadoras da temática do desporto moderno <sup>(15)</sup>.

A vertente axiológica originária das relações natureza-desporto, portanto, tem se concentrado na produção quer do conhecimento, quer da filosofia humanista na incessante busca do desenvolvimento e da legitimação da prática desportiva desde o século passado. Por sua vez, os fatos reveladores do conflito entre o meio ambiente e as práticas sócio-culturais somente repercutiram na esfera desportiva a partir das duas últimas décadas.

Em 1974, por exemplo, o Congresso Mundial Científico "Desporto na Sociedade Moderna", realizado em Moscou, já incluía em suas conclusões a postulação dos jovens "amarem e protegerem a natureza" uma vez que o desenvolvimento das atividades desportivas estava intimamente conectado ao meio ambiente natural. Nesta oportunidade reconhecia-se com amplas evidências o crescente perigo da destruição da natureza e a multiplicação de sintomas de consumo descontrolado envolvendo o desporto <sup>(16)</sup>.

Note-se, por necessário, que a Carta Europeia do Desporto para Todos, emitida em 1976 pelo Conselho da Europa (The European Sport for All Charter), abordava a questão de "acesso às áreas livres e às águas com o propósito de recreação" como um tema de direito da cidadania, mas que em

1982 o Comité para o Desenvolvimento do Desporto do mesmo Conselho da Europa já propunha formalmente medidas de controle ambiental uma vez que "nem sempre é possível satisfazer a necessidade de conservar a natureza e promover o desporto e a recreação num mesmo lugar" <sup>(17)</sup>.

De um modo geral, o Conselho da Europa nas recomendações relacionadas ao desporto e à proteção ambiental da década de 80 apoiou-se na Carta Ecológica das Regiões de Montanha na Europa (1976), na Convenção sobre a Conservação da Vida Natural e dos Habitats da Europa (1979), e nas suas próprias Recomendações como a da "Educação Ambiental" e da "Conservação da Natureza, Desporto e Recreação em Áreas Aquáticas interiores", ambas de 1981. Por isso, em 1986 durante a 5ª Conferência Europeia de Ministros Responsáveis pelo Desporto aprovou-se uma Recomendação que consolidava as anteriores, reconhecendo-se enfim "a importância da reconciliação dos interesses do desporto e do meio ambiente quando e onde estes estiverem em conflito". <sup>(18)</sup>

A partir de 1986, efetivamente a reconciliação entre interesses aparenta ser o sentido conferido ao contratualismo, que tem regulado as ações em torno da temática natureza-desporto. Daí também ser explicável o evidente paralelismo entre os fatos recentes, quase sempre relacionados à preservação ou conservação do meio ambiente em face às práticas desportivas depredadoras ou desestabilizadoras, e os valores do desporto historicamente referidos à natureza. Em última análise, o desporto também se tornou ambivalente em relação ao ambientalismo, não por suas tradições mas por mútua adaptação com a cultura atual.

Vivenciamos, então, no cotidiano, constatações sobre a corrupção da natureza que se transformam em atos políticos da nova cidadania ecológica e em manifestações de controle e de compensação desses desvios por parte das instituições. No desporto, a tendência dominante tem sido a do contratualismo, porém os primeiros embates políticos de importância surgiram no início da década de 90, prenunciando um novo balanço de influências.

Demonstra-se esta assertiva por simples revisão temática da bibliografia sobre as relações natureza-desporto, como se verifica em Merilainen, por trabalho produzido na Finlândia, em 1992, listando 548 referências <sup>(19)</sup>, ou por consulta ao levantamento feito pela Federação Alemã de Desportos (Deutscher Sportbund - DSB), no mesmo ano, contendo trabalhos publicados, organizações envolvidas, declarações, documentos de base, etc.. <sup>(20)</sup>

Quanto aos conflitos de interesse, a mesma assertiva é comprovada pela crítica pública do Parlamento Europeu no início de 1992, envolvendo os Jogos Olímpicos de Inverno realizados naquele ano em Albertville. Nesta denúncia enfatizam-se: o risco aumentado de avalanches; a destruição da vegetação; a aceleração do processo de erosão, causando mudanças no sistema hídrico local e na vida vegetal do vale, principalmente pela construção de novas estradas e de 300 mil metros quadrados de área retirada das florestas para novas construções. Consequentemente, o Parlamento Europeu decidiu providenciar no futuro salvaguardas da preservação do meio ambiente e da herança cultural, inclusive recomendando que os próximos Jogos Olímpicos - de inverno e de verão - fossem organizados em sedes permanentes já equipadas com infra-estrutura adequada. Em adição, sugeriu-se que os Jogos Olímpicos, em qualquer circunstância, fossem relacionados previamente a estudos de impacto ambiental por seus responsáveis. <sup>(21)</sup>

Ainda em 1992, o presidente do Comité Olímpico Internacional - I.O.C., Juan Antonio Samaranch, durante a Assembleia do Comité Olímpico que reuniu 183 delegados, em Acapulco (México), definiu-se publicamente quanto aos compromissos da entidade maior do desporto internacional com respeito à proteção do meio ambiente. Embora tal posicionamento tenha tido a devida repercussão <sup>(22)</sup>, o I.O.C. no início de 1993, ainda carecia de uma política ambiental. O mesmo não pode ser dito com relação ao Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Inverno em Lillehammer 1994, que decidiu transformar o evento numa demonstração de como compatibilizar em alto nível de exigência arquitetura, cultura e meio ambiente. <sup>(23)</sup>

Em resumo, a reconciliação factual do desporto com a natureza submetida a ameaças é todavia reflexo do que ocorre com a sociedade como um todo. Neste particular a evolução do desporto nos anos 90 mostrava expansão das soluções contratualistas, destacando-se casos localizados de normatização da proteção ambiental apoiados por recomendações gerais, ao estilo dos documentos emitidos pelo Conselho da Europa. Assim, além do exemplo de Lillehammer cabe citar o procedimento de diversas federações desportivas alemãs que definiram normas para praticantes e para construção e readaptação de instalações desportivas, voltadas para a proteção ou para a conservação da natureza. <sup>(24)</sup>

### A ECOLOGIZAÇÃO DO SOCIAL

O percurso dos fatos, finalmente, mostra que o desporto assumiu uma postura pragmatista, certamente por pressões externas e devido à urgência dos problemas ambientais. Aliás, o desporto está mantendo seus valores tradicionais, simétricos aos da natureza que os ambientalistas tem inculcado na escala global. O que falta, entretanto, é uma fundamentação filosófica que dê suporte ao pragmatismo dominante e aos valores novos e antigos referenciados à natureza e, no seu concerto, ao desporto.

Em estudo anterior, discutido no âmbito da filosofia <sup>(25)</sup>, sugerimos que o atual sucesso da assimilação de valores ecológicos por diferentes culturas, em países ricos e pobres, explicava-se, em princípio, pela antecipação de imagens e concepções mediáticas ao saber e ao criticar, gerando uma auto-referenciação nas questões ambientalistas. Ou seja: o mundo de nossos dias está formando uma cultura ecológica, mas não se consegue compreendê-la além dos dados científicos reducionistas ou dá informação superficial e efêmera da mídia.

Estaríamos, então envolvidos presumidamente num pragmatismo fundante de conteúdo naturalista, revivendo o momento pré-socrático, porém sem sua expressão e significado filosófico. Diferentemente do Romantismo alemão do século XVIII, não encontramos hoje uma ética de convivência com a natureza uma vez que refletimos todavia a tecnologia moderna e a crença inconsequente na instrumentalização e na normatividade. Enfim, exercitamos um pensar antinaturalista e um olhar naturalista, com a filosofia em crise na primeira dimensão como indica Richard Rorty <sup>(26)</sup>, e em renovação na segunda, como querem os epígonos do pragmatismo.

Seja pela via pragmatista da vida moderna, seja pela via fenomenológica por vezes preconizada para a prática desportiva, o desafio atual reside confirmadamente na elaboração de uma matriz de pensamento. Tal necessidade justificou, por exemplo significativo, a realização da "Mesa Redonda Internacional - Homem, Cidade, Natureza", promovida pela UNESCO e outras entidades internacionais vinculadas à cultura, precedendo, em 1992, no Rio de Janeiro, a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento.

Neste caso, a hipótese trabalhada pelos participantes foi a da existência de uma nova ordem sócio-cultural intrinsecamente voltada para a natureza. Ou melhor: o lugar do humano no mundo finalmente estaria num estágio de



composição da *polis* com o *cosmos*, após experiência de ambos separadamente, com resultados deletérios para o conjunto. Para um dos conferencistas, o sociólogo Michel Maffesoli<sup>(27)</sup>, tal questão referia-se mais à "ecologização do social" do que à "socialização da natureza" já que esta última tendência representava um retorno ao imanentismo. Enquanto tal, este fenômeno aparece regularmente à vista de que os Transcendentalismos (religiosos, políticos, morais) caracteristicamente se saturam. De resto, a tendência dominante ora explorada como "ecologização", representaria a Transcendência da natureza sob forma da alteridade maior do homem, implicando na acomodação de "pequenos outros", como no *cosmos* ou na cidade-estado da antiguidade grega<sup>(28)</sup>. Por extensão, Maffesoli lembra ainda que homem-cidade-natureza é uma conjugação de constante reversibilidade, típica da cultura moderna, mas de grande contraste com as redefinições culturais dos períodos históricos clássicos que se processavam a partir de distinções fixas: sujeito-objeto, natureza-cultura, corpo-espírito, etc.<sup>(29)</sup>

Outro conferencista, o filósofo Felix Guattari<sup>(30)</sup> introduziu o conceito de homem "desterritorializado", figura que cultiva a singularidade e criador da "cidade subjetiva", a qual frequenta como um nômade, já que as funções urbanas se tornam cada vez mais intercambiáveis (emprego, moradia, escola, etc.) e coincidentes com as áreas rurais e sítios naturais. Para Guattari, este homem, principalmente os jovens, ricos ou pobres, estaria dando um sentido unificado à ética, à estética, à política, segundo uma conformação ecológica do *entorno* em que vive. Esta fusão inédita na história teria como significado uma compreensão "transversalista" da subjetividade e do espaço vivencial nas cidades e no meio ambiente natural.<sup>(31)</sup>

O encontro "Homem, Cidade, Natureza" além de interpretações ao gosto de Maffesoli e Guattari, concentrou-se em conclusões de maior teor empírico, como a comum percepção dos participantes quanto à emergente "cidade informal" que estaria criando um novo tipo de convivência e de solidariedade em diversas regiões do mundo, independente das distintas culturas locais.<sup>(32)</sup>

#### O DESPORTO ECOLOGIZADO

Por suposto, o desporto participa também das tendências globais ora evidenciadas, mas ainda está dando os primeiros passos por parte dos seus

intérpretes quanto às relações indivíduo, cidade e natureza, sendo esta conjugação pretensamente um arcabouço teórico central para as novas definições requeridas.

Em outro trabalho, <sup>(33)</sup> discutimos esta possibilidade à luz da tese corrente que as relações mútuas entre indivíduo, cidade e natureza são fundadoras da cultura nos dias presentes. O fio condutor desta apreciação de bases empírica e filosófica situou-se no pensamento de Espinosa, que já no século XVII observava a natureza como valor universal e ponto de partida para uma ética reguladora das relações sociais. Além disso, o espinosismo interpreta a cidadania como uma construção coletiva mais de indivíduos do que do Estado, sendo a individualidade a característica mais proeminente nas relações dos homens entre si e com a natureza. Neste mesmo texto, identificou-se o homem singular delineado por Espinosa como símile ao definido recentemente por Guattari e outros pensadores contemporâneos, isto é, um ativo membro da cidade subjetiva e promotor de uma nova solidariedade, quando liberto das teias do consumerismo exacerbado. <sup>(34)</sup> Como a cultura atual confunde-se com o desporto e vice-versa, o homem singular pode ser desportista, seja na opção da competição ou na da participação (Desporto para todos) <sup>(35)</sup>.

De fato, trazendo em si as tradições da ordem natural, o desporto desde o século passado tem "ecologizado" o social, embora sem repercussões de monta. Nos novos tempos do ambientalismo, em que a feição "consumidora" das práticas sociais vem se destacando, o desporto passou a ser "ecologizado" em outra esfera de relações que não a tradicional. Em síntese, no nível micro o desporto tem sido um meio "ecologizador" das relações sociais, ao passo que no nível macro da cultura está acontecendo o inverso. Resta-nos, portanto, discutir os novos significados do desporto *prima facie* suas tendências globais.

#### NOVOS SIGNIFICADOS

O desporto há mais de um século, desde Thomas Arnold e Pierre de Coubertin, tem sido sucessivamente redescoberto. Hoje, em tempos de progressivo domínio da globalização e da exaltação do peculiar e do local, o desporto finalmente está encontrando a si mesmo. Contrariando o percurso histórico da filosofia que primeiramente buscou um sentido no mundo e depois procurou conhecê-lo, o desporto moderno ressurgiu de forma episte-

mológica para atender os reclamos de uma pedagogia escolar em Arnold e social em Coubertin, num projeto até hoje inacabado.

Porém, o percurso do conhecimento do desporto a partir de suas formas exteriores tem se mostrado insuficiente para explicar as mútuas identidades com a cultura e com a natureza ultimamente tão evidenciadas. É oportuno, então, observá-lo em sua ontologia, no próprio homem que o porta em sua corporeidade e na solidariedade com seus semelhantes, como na instância focal homem-cidade-natureza.

Assistimos, assim sendo, uma superação das definições clássicas do desporto, geralmente apoiadas em categorias instrumentais de observação exterior (competição, regras, esforço físico, etc.), que estão abrindo espaço a concepções de manifestação interior e de observação latente. Este é o caso, por exemplo, de uma nova fundamentação para os exercícios físicos que ocorreriam como um fluxo de experiência ótima (flow of optimal experience), ora em desenvolvimento por Csikszentmihalyi, <sup>(36)</sup> ou para o desporto escolar que segundo Meinberg <sup>(37)</sup> refere-se a uma antropologia situada "que compreende o homem como uma totalidade, que lhe vem da natureza e que deve se desenvolver mediante educação e formação".

Considerando essas tendências como as mais avançadas, já é possível construir um quadro de disposição auto-explicativa consolidando o percurso aqui estabelecido para uma revisão axiológica das relações desporto-natureza. A figura 1 desdobra esta valorização como forma de significados e, como tal, antigas e recentes categorias assumem novos sentidos a partir de uma base dual do valor intrínseco e do valor extrínseco, selecionada como de maior adequação para a valorização da natureza pelo desporto. <sup>(38)</sup>

Como se pode observar, o desporto atual é ainda uma expressão maior de sua valorização extrínseca naturalista e está progredindo para desdobramentos intrínsecos onde se situam seus desafios quanto ao pensar e ao agir (Figura 1). Um maior esclarecimento dos avanços e dificuldades da internalização valorativa intrínseca segue na figura 2, que consubstancia os significados principais dos fatos envolvendo as mesmas relações natureza-desporto.

Com respeito à presente tentativa de redefinição do desporto tendo como referência principal a natureza, acrescenta-se por necessário que aparenta ser inevitável a adoção de múltiplas dimensões para a prática desportiva diante de fatos e valores de surgimento recente no âmbito sócio-cultural. Esta constatação foi realizada *inter alia* por Puig & Heinemann ao estudar a

evolução do desporto contemporâneo tanto na prática como na sua organização institucional, o que os levou a considerar a redefinição do desporto por meio de polarizações e da oscilação entre estas. <sup>(39)</sup>

VALORES	INTRÍNSECO	EXTRÍNSECO
SENTIDO	IMANÊNCIA	TRANSCENDÊNCIA
CONTEÚDO	EXISTENCIALISTA	ESSENCIALISTA
PERSPECTIVA	MACRO	MICRO
ABRANGÊNCIA	GLOBAL	LOCAL
MANIFESTAÇÃO	PARTICIPAÇÃO	COMPETIÇÃO
SUSTENTAÇÃO	INOVAÇÃO	TRADIÇÃO
EXPRESSÃO	ECOLOGIZÁVEL	ECOLOGIZADOR
EVOLUÇÃO	ONTOLOGIA	EPISTEMOLOGIA
FUNDAMENTAÇÃO	ANTROPOLOGIA	PEDAGOGIA

Figura 1: Significados da valorização da Natureza pelo Desporto.

VALORES	INTRÍNSECO	EXTRÍNSECO
SENTIDO	GLOBALIZAÇÃO	IDENTIDADE LOCAL
INTERNALIZAÇÃO	FRAGMENTADA	CENTRADA NA TRADIÇÃO
RESULTADO	CONTRATUALISMO	NORMATIZAÇÃO
MANIFESTAÇÃO	CONFLITO	RECONCILIAÇÃO DE INTERESSES
EXERCÍCIO	POLÍTICA	CIÊNCIA & TECNOLOGIA
DOMÍNIO	CIÊNCIA & TECNOLOGIA	POLÍTICA
PROPOSIÇÃO	DESENV. SUSTENTADO	TECNOLOGIA APROPRIADA &
RECICLAGEMTEORIA	HOMEM-CIDADE-NATUREZA	PRAGMATISMO
CARÊNCIA	ÉTICA ECOLÓGICA	PRECEITOS ÉTICOS

Figura 2: Significados factuais das relações Natureza-Desporto.

Critério idêntico pode ser proposto para as dimensões das figuras 1 e 2, o que explica adicionalmente a ambivalência característica das concepções ora em evidência.

Por outro lado, a inclusão na figura 2 da tecnologia apropriada & reciclagem refere-se à disponibilidade de pesquisa na área desportiva que comprovou a simetria dessas proposições em relação ao desenvolvimento sustentado. <sup>(40)</sup> Finalmente, o fechamento do quadro da figura 2 com a carência de preceitos éticos na dimensão extrínseca e de uma ética ecológica quanto à valorização intrínseca da natureza, deve-se à constância desta indicação encontrada na bibliografia especializada. Em Holmes Rolston, para citar um autor seminal na temática ecológica, a inexistência desta ética é interpretada como o maior problema do ambientalismo em seu atual estágio. <sup>(41)</sup>

#### PERSPECTIVAS FUTURAS

Ainda no que concerne aos quadros das figuras 1 e 2 admite-se que o desporto em relação à valorização da natureza essencialmente apresenta-se em processo de reajuste de sua expressão, passando de ecologizador para ecologizado na medida que participa da tendência da globalização.

Uma sinalização do destaque que está acontecendo na dimensão ecologizável de sentido valorativo intrínseco da natureza, situa-se na expressão atual dos chamados "desportos de aventura". Neste propósito diz Gustavo Pires numa interpretação prospectiva, com base em sua experiência em Portugal <sup>(42)</sup>:

*"A aventura desportiva é uma nova dimensão das práticas desportivas. É, por assim dizer a fase terciária do desenvolvimento do desporto, entendendo-se que a primeira foi constituída pelo jogo e desenvolveu-se na sociedade agrícola numa dimensão local, e a segunda em escala planetária, decorrentes da sociedade industrial. A terceira configura as práticas não-formais e informais, as práticas inorganizadas, específicas da sociedade pós-industrial em que o desporto estabelece um corte definitivo com o mundo do trabalho".*

O mesmo autor indica que "a aventura desportiva será um dos grandes interesses desportivos da juventude dos anos noventa, que preparará um desporto diferente, para o próximo século". <sup>(43)</sup>

Isto posto, as atenções naturalmente deslocam-se para os significados da figura 2, dos quais é possível se extrair as seguintes previsões:

(1º) O contratualismo deverá se definir melhor na medida da expansão dos conflitos, como se observou quanto à reação do Comité Olímpico Internacional em face às críticas sobre Albertville. A escolha da sede dos Jogos Olímpicos de Verão em Sidney para o ano 2000 deverá constituir um marco quanto as relações do desporto com o meio ambiente na dimensão global, uma vez que a valorização da proteção ambiental foi um fundamental elemento em julgamento (na seleção anterior de Atlanta-1996 não houve ênfase nas exigências ambientalistas, ao contrário de Sidney-2000).

(2º) A normatização deverá se expandir no ritmo das pressões ambientalistas locais como ora se constata na Alemanha e na Suíça. <sup>(44)</sup>

(3º) O sentido de reconciliação de interesses deverá ser mantido no desporto em razão de sua simetria com a evolução de conflitos ambientais, já detetada em outras áreas. <sup>(45)</sup>

(4º) A proposição do desenvolvimento sustentado deverá sobreviver pelo menos nos próximos dez anos, prazo da validade dos acordos obtidos na Conferência do Rio de Janeiro - 1992. No desporto isto significa ênfase sobre novas tecnologias na construção de instalações de grande porte compatibilizadas com o entorno ambiental e sobre procedimentos e métodos de avaliação de impactos ambientais. <sup>(46)</sup>

(5º) As proposições de tecnologia apropriada e de reciclagem serão levadas a conceitos de acordo com as dimensões da prática desportiva atual que tem a cultura como base. Preliminarmente, segundo Da Costa, <sup>(47)</sup> as definições que se seguem constituem bases para o desenvolvimento futuro no uso de equipamentos desportivos e locais naturais de prática (florestas, praias, rios, etc):

*Apropriado*: Procura e utilização de materiais e lugares de prática a partir do respeito à cultura local e da adaptação ao meio ambiente, no baixo custo e à economia de meios.

*Reciclado*: Procura de equipamentos e lugares de prática segundo a cultura local e uso sucessivo desses meios com um mínimo de prejuízo ao entorno natural.

(6º) A opção pragmática deverá permanecer até que se ofereça uma matriz teórica de maior consistência e se estabeleça uma ética ambientalista. Neste particular, uma abordagem metodológica pertinente para o presente texto como conclusão, deve-se a Espinosa que a produziu em 1663, na sua condição de promotor do diálogo entre o indivíduo, a cidade e a natureza: <sup>(48)</sup>

"E como é claro por si que a mente tanto melhor se entende quanto mais entender a Natureza, vê-se que esta parte do método será tanto mais perfeita quanto mais coisas a mente entender, e será perfeitíssima quando a mente atender ao conhecimento do ser perfeitíssimo, ou refletir sobre o mesmo conhecimento".

#### NOTAS

- (1) Olímpio Bento, J. (1991) Desporto para todos: os Novos Desafios. In *Os Espaços e os Equipamentos Desportivos*, J. M. Constantino (ed.), Câmara Municipal de Oeiras, p. 248.
- (2) Landry, F. (1991) *Sport ... The Third Millennium*. Les Presses de l'Université Laval, Saint-Fois, Québec, pp. xxix-xxxvii.
- (3) Santos, M. (1992) *1992: a Descoberta da Natureza*. Estudos Avançados 6(14), São Paulo, pp. 95-106.
- (4) *Ibidem*, p. 106.
- (5) Serres, M. (1991) *O Contrato Natural*. Nova Fronteira Editora, Rio de Janeiro, pp. 21-29.
- (6) Meadows, D. H. et alii (1972) *The Limits of Growth: a Report for the Club of Rome*. Universe Books, New York.
- (7) Goldsmith, E. et alii (1972) *A Blueprint for Survival*. Penquin Books, Harmondsworth, Middlesex.
- (8) Consulte-se Brundtland, G. H. et alii (1987) *Our Common Future*. Oxford University Press, New York. Versão em língua portuguesa: "Nosso Futuro Comum", Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1991.
- (9) Spretnak, C. (1991) *States of Grace - The Recovery of Meaning in the Postmodern Age*. Harper Collins Publishers, New York, pp 10-32.
- (10) Coubertin, P. (1907) *A Propos des Rallyes*. Revue Olympique, mars, pp. 238-240. In "Pierre de Coubertin - textes Choisis", Tome III - Pratique Sportive, N. Müller & O. Schantz (eds.), Weidmann, Zurich, 1986.
- (11) Vuolle, P. (1991) *Nature and Environments for Physical Activity*. In "Sport for All", P. Oja & R. Telama (eds), Elsevier Science Publishers, Amsterdam, pp. 597-606.
- (12) *Ibidem*, p. 598.
- (13) Constate-se em Vigarello, G. (1978) *D'une Nature ... L'autre - Les Paradoxes du Nouveau Retour*. In "Sport et Societé: Approche Socio-culturelle des Pratiques", C. Pociello (ed), Editions Vigot, Paris, pp. 239-247.
- (14) *Ibidem*, pp. 239 - 240.
- (15) A base analítica para esta conclusão é encontrada em Dufour, W. (1992) *50 Ans d'Éducation Physique en Europe*. Boletim SPEF, nº 4, Primavera de 1992, pp. 79-97.
- (16) Verifique-se em Sikora, F. (1974) *Interconnection of Environment and Physical Culture*. Proceedings of World Scientific Congress - Sport in Modern Society. House of Unions, Moscow, p. 77.

- (17) As citações são encontradas na Resolução "Sport, Recreation and Nature Conservation in the Mountain Environment", Council of Europe - CDDS, Strasbourg, 1983, pp. 12-15.
- (18) Council of Europe (1986) *Sport and the Environment*, Resolution nº 8, 5th Conference of European Ministers Responsible for Sport, Dublin, September-October 1986, p. 18.
- (19) Merilainen, O. (1992) *Sport and Nature - A Selected Bibliography 1986-92*. Likes Information Service - Report on Physical Culture and Health 80, Jyvaskyla, Finland.
- (20) Deutscher Sportbund (1992) *Literatursammlung Sport und Welt*. Frankfurt.
- (21) Ver editorial da Lettre de l'Economie du Sport, *Le Parlement Européen Critique Fermement l'Impact Ecologique des J.O. d'Albertville*, nº. 160, mai 1992, Editions Sportune, Paris.
- (22) Consulte-se neste propósito, Sports Information Bulletin - Clearing House, Brussels, nº 30, 1992, p. 2501.
- (23) A conclusão é de Vollan, A. (1991) *Lillehammer's Crystal Clara Identity*. Olympic Review, nº. 284, June, pp. 272-273, Lausanne.
- (24) Vide *inter alia* as nove brochuras com normas e orientações para praticantes e líderes desportivos, publicadas pela Landessportbund Nordrhein-Westfalen em 1992, atendendo as seguintes disciplinas desportivas: ciclismo, vela e motor, windsurfing, montanhismo, orientação, remo, circuitos de caminhadas e de corridas, mergulho e equitação.
- (25) DaCosta, L. P. (1992) *O Olhar e o Pensar Ambientalista*. In Ecologia e Literatura. A Soares (ed.) Tempo Brasileiro Editora, Rio de Janeiro, pp. 35 - 40.
- (26) Rorty, R. (1988) *A Filosofia e o Espelho da Natureza*. Dom Quixote, Lisboa, pp. 24-40.
- (27) Mafesoli, M. (1992) *L'Ecologisation du Social*. Table Rond International "Homme, Ville Nature" UNESCO - SID - ORDECC, Rio de Janeiro, mai 1992.
- (28) Ibidem, p. 6.
- (29) Ibidem, p. 9.
- (30) Guatari, F. (1992) *Pratiques Écosophiques et Restauration de la Cité Subjective*. Table Rond International "Homme, Ville, Nature", UNESCO-SID-ORDECC, Rio de Janeiro, mai 1992.
- (31) Ibidem, p. 21.
- (32) Ver por exemplo o trabalho de revisão de Silva, A. (1992) *L'Homme et sa Nouvelle Jungle: la ville*. Table Rond International "Homme, Ville, Nature", UNESCO - SID - ORDECC, Rio de Janeiro, mai 1992.
- (33) DaCosta, L. P. (1993) *Indivíduo, Cidade e Natureza: Novos pressupostos da Excelência no Desporto?* Espaço, Vol. 1, nº. 1, Jan/Jun 1993 Porto, pp. 85-91.
- (34) Ibidem, p. 87.
- (35) Ibidem, p. 87-88.
- (36) Csikszentmihalyi, M. (1992) *A Psicologia da Felicidade*. Saraiva, São Paulo, pp. 13-43. A versão em língua inglesa é de 1990 sob o título "Flow - The Psychology of Optimal Experience".
- (37) Meinberg, E. (1993) *El Valor Situacional de la Antropología en la Formacion de la teoria sobre la Educacion Física y el Deporte Escolar*. Educacion, vol. 53, pp. 62-83.
- (38) A posição central do valor intrínseco e valor extrínseco tanto com relação ao



desporto como quanto à natureza é discutida por Seppanen, P. (1991) *Values in Sport for All*. In "Sport for All", Oja, P. & Telama, R. (eds.), Elsevier Publishers, Amsterdam, pp. 21-31.

(39) Puig, N. & Heinemann, K. (1991) *El Deporte en la Perspectiva del Año 2000*. Papers-Revista de Sociologia, nº 38, Barcelona, pp. 123-141.

(40) A referência aqui é de DaCosta, L.P. (1993) *Athletics Facilities - Appropriate, Recycled and Sustained choices*. IAAF Development Congress, Stugart, 25-27 May.

(41) Holmes Rolston, A. (1989) *Environmental Ethics*. Prometheus Books, Buffalo, New York, pp 12-29.

(42) Pires, G. (1990) *A Aventura Desportiva - O Desporto para o Terceiro Milênio*. Publicação da Câmara Municipal de Oeiras - Serviços Municipais de Desporto, Oeiras, p. 67.

(43) Ibidem, p. 66.

(44) Com relação à Suíça, verifica-se a posição pública da Associação Suíça de Desportos (ASS) quanto ao meio ambiente no folheto "Sei Fair zur Natur", SLS - ASS Sportinformation, nr. 6/1992.

(45) O desdobramento por factos a partir dos acordos internacionais sobre o meio ambiente é demonstrado por Silva, B. (1992) *A Vez de um Pacto Planetário*, Revista de Administração de Empresas, 33 (2): 64-75, São Paulo.

(46) As definições de base sobre a construção desportiva de forma sustentada são encontradas em DaCosta (1993), Op. Cit., pp. 4-6.

(47) Ibidem, p. 4.

(48) Espinosa, B. (1979) *Tratado da Correção do Intelecto* ("Tractatus de Animae Virtutum Emendatione" - 1663). Abril Cultural, São Paulo, p. 53.